

Um egoísta

Estudo espírita moral

Allan Kardec

(*Revue Spirite*, setembro de 1865, pp. 282-284.)

Em 10 de janeiro de 1865, um de nossos correspondentes de Lyon nos transmitiu o seguinte relato:

Conhecemos, numa cidade vizinha, um indivíduo cujo nome não declino, para não ser maledicente, e porque o nome aqui nada importa. Ele era espírita e, sob influência dessa crença, se havia melhorado, sem todavia aproveitá-la tanto quanto poderia, dada sua inteligência. Vivia com uma velha tia, que o amava como filho e que não media esforços e sacrifícios em benefício de seu querido sobrinho. Por economia, era a boa senhora que fazia o serviço da casa. Até aí, nada mais natural; chocava, no entanto, que o sobrinho, jovem e saudável, a deixasse realizar tarefas acima de suas forças, sem que jamais lhe viesse ao pensamento poupar-lhe esforços penosos para sua idade, como o transporte de fardos e coisas parecidas. Não mexia uma palha na casa, como se nela tivesse empregados a seu serviço. Ia mesmo ao ponto de, prevendo alguma operação excepcionalmente penosa, inventar um pretexto e sair, temendo que lhe fosse pedida uma ajuda que não poderia recusar. No entanto, havia recebido sobre esse assunto várias lições, verdadeiros chamamentos, capazes de fazer refletir qualquer pessoa de coração. Ele era, porém, insensível a esses apelos. Um dia, em que a tia se esgotava rachando lenha, enquanto ele permanecia sentado, fumando tranqüilamente seu cachimbo, aconteceu de um vizinho entrar e, notando o fato, dizer, lançando ao jovem um olhar de desprezo: “Isso é uma tarefa para um homem, não para uma mulher.” Pegando então o machado, pôs-se a rachar a lenha, enquanto o outro o olhava trabalhar. O jovem em questão era considerado homem honesto e de boa conduta, mas seu caráter pouco ameno e sem delicadeza não o levava a amar, e afastara dele a maioria dos amigos. Nós, os espíritas, ficávamos aflitos com essa falta de coração, e dizíamos que, sem dúvida, um dia a pagaria bem caro.

Agora essa previsão se cumpriu. Como conseqüência dos esforços, a velha mulher foi acometida de uma hérnia muito grave, que muito a faz sofrer, mas da qual não tem coragem de se queixar. Num desses últimos dias de muito frio, o sobrinho, querendo provavelmente esquivar-se de algum trabalho, saiu logo cedo e não mais voltou. Ao atravessar uma ponte, foi atingido por uma carruagem que deslizou por uma ladeira, vindo a

morrer duas horas depois.

Quando ficamos sabendo do ocorrido, quisemos evocar o morto; mas eis o que um de nossos bons guias respondeu:

“Esse a quem quereis chamar não poderá se comunicar antes que passe algum tempo. Venho responder no lugar dele e vos informar acerca do que gostaríeis de saber; mais tarde, ele virá vos confirmar. Agora está muito perturbado pelos pensamentos que o agitam. Vê sua tia e a doença que contraiu como conseqüência das fadigas corporais, e que a levarão à morte. É isso que o aflige, pois ele se considera seu assassino; e de fato o é, pois que lhe poderia haver poupado os esforços que a matarão. Essa situação lhe traz um remorso angustiante, que o perseguirá por muito tempo, até que haja reparado sua falta. Gostaria de fazê-lo neste momento mesmo; não se afasta da tia, mas seus esforços são inúteis; então se desespera. Para sua punição, é preciso que a veja morrer das conseqüências de sua preguiça egoísta – pois sua conduta representa uma variedade de egoísmo. Orai por ele, a fim de que se mantenha nele o arrependimento, que mais tarde o salvará.”

Pergunta: Nosso bom guia nos poderia dizer se não lhe são levados em conta os outros defeitos dos quais se corrigiu por efeito do Espiritismo, e se isso não lhe ameniza a situação? *Resposta:* Indubitavelmente, essa sua melhoria conta em seu favor, pois nada escapa ao olhar penetrante da providência divina. Mas a maneira pela qual cada ação, boa ou má, leva a conseqüências naturais, inevitáveis, segundo a máxima do Cristo, “A cada um segundo suas obras”, é a seguinte: aquele que se corrige de certos defeitos poupa-se às punições que acarretariam, recebendo em seu lugar o prêmio das qualidades que os substituíram. Não pode, porém, escapar às conseqüências dos defeitos que lhe restem. Portanto, só é punido na proporção e segundo a gravidade desses defeitos; quanto menos os tiver, melhor sua posição. Uma qualidade não paga um defeito; diminui o número dos defeitos e, por conseguinte, a soma das punições.

Primeiro, corrigimos os defeitos mais fáceis; o egoísmo é o que mais custa para eliminarmos. Acreditamos haver feito muito, porque moderamos a violência do caráter, nos resignamos ao destino, ou nos desfazemos de alguns hábitos maus. Isso já é, sem dúvida, alguma coisa, e que nos beneficia, mas que não nos isenta de pagar o tributo da depuração do restante.

Amigos, o egoísmo é mais fácil de enxergar nos outros, porque sentimos o seu efeito sobre nós; ele nos fere. O egoísta, porém, encontra em si satisfação, e por isso não o percebe. O egoísmo denota sempre aridez de coração; amortece a sensibilidade para com os sofrimentos alheios. O homem de coração, ao contrário, sente todo esse sofrimento e se comove. Por isso é que se dedica a evitar que os outros sofram, ou, ao menos, lhes aliviar os sofrimentos, pois gostaria que assim procedessem para com ele.

Rejubila quando consegue poupar uma dor a alguém. Identificando-se com o sofrimento de seu semelhante, experimenta verdadeiro alívio quando esse sofrimento cessa. Se prestais algum serviço a um desses homens, estai certos de que vos ficará reconhecido; do egoísta, porém, esperai apenas a ingratidão. O reconhecimento por palavras nada lhe custa; mas o reconhecimento por ações o cansaria e lhe perturbaria o repouso. O egoísta não age em favor do outro senão quando forçado, jamais espontaneamente. O vínculo que o une a alguém está na dependência do bem que espera receber, muitas vezes sem que o outro queira. O jovem de quem falamos certamente amava sua tia, e ficaria revoltado se alguém lhe dissesse que não. No entanto, sua afeição não ia ao ponto de se fatigar por ela. Sua atitude, não era, de sua parte, algo premeditado, mas uma repulsa instintiva ao trabalho, fruto de seu egoísmo nato. A luz que não conseguiu encontrar enquanto vivo aparece-lhe agora, e lamenta não haver aproveitado melhor os ensinamentos recebidos. Orai por ele.

O egoísmo é o verme que corrói a sociedade, assim como a cada um de vós, individualmente. Em breve vos farei uma dissertação em que ele será examinado sob suas diversas nuances; ela será como um espelho, que deveis observar cuidadosamente, para ver se, num canto qualquer, não perceberéis o reflexo de vossa personalidade.

Vosso guia espiritual.

(Tradução de Silvio Seno Chibeni, agosto de 2008. Versão preliminar.)

Notas do tradutor:

Observe-se a precisão das explicações do Espírito sobre o mecanismo da justiça divina. Pode não ser coincidência que na mesma época em que preparou esse número da *Revista Kardec* estivesse preparando o livro *Céu e Inferno*, que tem uma seção importante sobre esse assunto, intitulada “Código penal da vida futura”.

Na *Revista* de julho há uma nota na p. 223 dizendo que o livro sairia em torno do dia 1 de agosto:

“*Sous presse pour paraître vers le 1er août :*

LE CIEL ET L'ENFER, ou *Justice divine selon le Spiritisme*, par Allan Kardec. 1 fort vol. in-12. Prix : 3 fr. 50 c. ; par la poste, 4 fr.”

No número de setembro, p. 285 ss., há a notícia do lançamento do livro, que se diz já estar a venda.

A dissertação sobre o egoísmo que o Espírito promete escrever seria, ou estaria contida, no ensaio “O egoísmo e o orgulho”, publicado nas *Obras Póstumas?* e, anteriormente, na *Revue* de julho de 1869, pp. 193-198, sob o título: “L'égoïsme et l'orgueil. Leurs causes, leurs effets et les moyens de les détruire.” ?

Un egoïste

Étude spirite morale

Allan Kardec

(*Revue Spirite*, septembre 1865, pp. 282-284.)

Un de nos correspondants de Lyon nous a transmis le récit suivant à la date du 10 janvier 1865.

Nous connaissions, dans une localité voisine, un individu que je ne nomme pas, pour ne pas faire de la médisance et parce que le nom ne fait rien à la chose. Il était Spirite, et sous l'empire de cette croyance il s'était amélioré, mais cependant il n'en avait point profité autant qu'il aurait pu le faire, eu égard à son intelligence. Il vivait avec une vieille tante qui l'aimait comme son fils, et à qui rien ne coûtait, ni peines ni sacrifices, pour son cher neveu. Par économie c'était la bonne femme qui faisait le ménage ; jusque-là, rien que de très naturel ; ce qui l'était moins, c'est que le neveu, jeune et bien portant, la laissât faire les travaux au-dessus de ses forces, sans que jamais il lui vint à la pensée de lui épargner des courses pénibles pour son âge, le transport de quelques fardeaux ou quelque chose de semblable. Il n'aurait pas plus remué un meuble dans la maison que s'il avait eu des domestiques à ses ordres ; et même s'il arrivait qu'il prévît quelque opération exceptionnellement pénible, il prenait un prétexte pour s'absenter dans la crainte qu'on ne lui demandât de donner un coup de main qu'il n'aurait pu refuser. Il avait reçu cependant à ce sujet plusieurs leçons, on pourrait dire des affronts, capables de faire réfléchir un homme de coeur ; mais il y était insensible. Un jour que la tante s'exténuait à fendre du bois, il était là assis, fumant tranquillement sa pipe. Un voisin entre, et voyant cela, dit en jetant un regard de mépris sur le jeune homme : « C'est là l'ouvrage d'un homme et non d'une femme ; » puis, prenant le merlin, il se mit à fendre le bois, tandis que l'autre le regardait faire. Il était estimé comme honnête homme et de bonne conduite, mais son caractère sans aménité et sans prévenance ne le faisait pas aimer, et avait éloigné de lui la plupart de ses amis. Nous autres Spirites, nous étions affligés de ce manque de coeur, et nous disions qu'un jour il le payerait sans doute bien cher.

La prévision s'est réalisée dernièrement. Il faut vous dire que par suite des efforts que faisait la vieille femme, elle fut atteinte d'une hernie très grave qui la faisait beaucoup souffrir, mais dont elle avait le courage de ne pas se plaindre. Pendant ces derniers grands froids, voulant probablement esquiver une corvée, le neveu sortit dès le matin, mais il ne rentra pas. En traversant un pont, il fut atteint par la chute d'une voiture entraînée sur une pente glissante, et mourut deux heures après.

Quand nous fûmes informés de l'événement, nous voulûmes l'évoquer, et voici ce qui nous fut répondu par un de nos bons guides :

« Celui que vous voulez appeler ne pourra se communiquer avant quelque temps. Je viens vous répondre pour lui, et vous apprendre ce que vous désirez savoir ; plus tard, il vous le confirmera ; dans ce moment, il est trop troublé par les pensées qui l'agitent. Il voit sa tante, et la maladie qu'elle a contractée par suite de ses fatigues corporelles et dont elle mourra. C'est là ce qui le tourmente, car il se considère comme son meurtrier. Il l'est en effet, puisqu'il pouvait lui épargner le travail qui sera cause de sa mort. C'est pour lui un remords poignant et qui le poursuivra longtemps, jusqu'à ce qu'il ait réparé sa faute. Il voudrait le

faire en ce moment ; il ne quitte pas sa tante, mais ses efforts sont impuissants, et alors il se désespère. Il faut, pour sa punition qu'il la voie mourir des suites de sa nonchalance égoïste, car sa conduite est une variété de l'égoïsme, Priez pour lui afin d'entretenir en lui le repentir qui le sauvera plus tard. »

D. Notre cher guide voudrait-il nous dire s'il ne lui est tenu aucun compte des autres défauts dont il s'est corrigé par suite du Spiritisme, et si sa position n'en est pas adoucie ? – R. Sans aucun doute, il lui est tenu compte de cette amélioration, car rien n'échappe aux regards scrutateurs de la divine providence. Mais voici de quelle manière chaque action bonne ou mauvaise a ses conséquences naturelles, inévitables, selon cette parole du Christ : A chacun selon ses oeuvres : celui qui s'est corrigé de quelques défauts s'épargne la punition qu'ils eussent entraînés, et reçoit au contraire le prix des qualités qui les ont remplacés ; mais il ne peut échapper aux suites des défauts qui lui restent. Il n'est donc puni que dans la proportion et selon la gravité de ces derniers : moins il en a, meilleure est sa position. Une qualité ne rachète pas un défaut ; elle diminue le nombre de ceux-ci et par suite la somme des punitions.

Ceux dont on se corrige d'abord sont les plus faciles à extirper, et celui dont on se défait le plus difficilement, c'est l'égoïsme. On croit avoir beaucoup fait parce qu'on a modéré la violence de son caractère, qu'on se résigne à son sort, ou qu'on se défait de quelques mauvaises habitudes ; c'est quelque chose sans doute et qui profite, mais n'empêche pas de payer le tribut d'épuration pour le reste.

Mes amis, l'égoïsme est ce qu'on voit le mieux chez les autres, parce qu'on en ressent le contrecoup, et que l'égoïste nous blesse ; mais l'égoïste trouve en lui-même sa satisfaction, c'est pour cela qu'il ne s'en aperçoit pas. L'égoïsme est toujours une preuve de sécheresse du coeur ; il émousse la sensibilité sur les souffrances d'autrui. L'homme de coeur, au contraire, ressent cette souffrance et s'en émeut ; c'est pour cela qu'il se dévoue pour les épargner ou les apaiser chez les autres, parce qu'il voudrait qu'on en fit autant pour lui ; aussi est-il heureux quand il épargne une peine ou une souffrance à quelqu'un ; *s'étant identifié avec le mal de son semblable, il éprouve un soulagement réel quand le mal n'existe plus.* Comptez sur sa reconnaissance si vous lui rendez service ; mais de l'égoïste n'attendez que de l'ingratitude ; la reconnaissance en paroles ne lui coûte rien, mais en action, elle le fatiguerait et troublerait son repos. Il n'agit pour autrui que quand il y est forcé, mais jamais spontanément ; son attachement est en raison du bien qu'il attend des gens, et cela quelquefois à son insu. Le jeune homme dont nous avons parlé aimait certainement sa tante, et il se serait révolté si on lui avait dit le contraire, et cependant son affection n'allait pas jusqu'à se fatiguer pour elle ; ce n'était pas de sa part un dessein prémédité, mais une répulsion instinctive, suite de son égoïsme natif. La lumière qu'il n'avait pas su trouver de son vivant lui apparaît aujourd'hui, et il regrette de n'avoir pas mieux profité des enseignements qu'il a reçus. Priez pour lui. L'égoïsme est le ver rongeur de la société, c'est plus ou moins celui de chacun de vous. Bientôt, je vous donnerai une dissertation où il sera envisagé sous ses diverses nuances ; ce sera un miroir ; regardez-le avec soin ; pour voir si vous n'apercevez pas dans un coin quelque reflet de votre personnalité.

Votre guide spirituel.